



## **LIVRO (TAMBÉM) É PRESENTE DE NATAL**

Diorindo Lopes Júnior

Livros para crianças e adolescentes não devem ser tratados como obrigação escolar, mas um convite à aventura lúdica de viajar livremente através da capacidade de imaginar.

Escrevo ainda em novembro, mas basta ligar a televisão para confirmar que dezembro já chegou e com ele o Natal. Natal é sinônimo de presentes, embora muitos se esqueçam do maior aniversariante do dia e de que o ouro, o incenso e a mirra que recebeu dos Reis Magos, ao nascer em uma manjedoura, são um pouco responsável por esta prática hoje puramente comercial - bem pior são os que imaginam que quem apaga velinhas é o Papai Noel...

É nesta época do ano que avôs e avós, pais e mães, tios e tias, padrinhos e madrinhas, começam a queimar as pestanas em busca de presentes que enlouqueçam de paixão netinhos, filhotes, sobrinhos e afilhados, ainda crianças. Faz tempo, soube de uma pesquisa que qualificava brinquedos (que vão quebrar logo) em primeiro lugar nas opções pensadas, depois roupas (que ficarão pequenas num piscar de olhos), guloseimas, sapatos e tênis, bijuterias finas e jóias - observo que estou falando de pessoas que, apesar da economia claudicante, ainda podem presentear os monstros que lhes encantam a alma e a vida.

Hoje, mesmo com os tempos para lá de bicudos, computadores e uma infinidade de aparatos eletro-mecânico-eletrônicos compõem este leque de opções para se presentear a criançada que vai reinar no novo Milênio. Contudo, não me lembro de alguma vez ter sequer ouvido falar que livros também podem engrossar este leque de opções natalinas.

Na verdade, se durante o ano todo a grande massa do povo que lê (coisa de uns 25 ou trinta milhões, numa população de 160) simplesmente ignora os livros, somente como opção de última hora - amigo secreto para o estagiário

com pinta de CDF ou um gerente taciturno, recém-divorciado e com tempo para perder tempo - eles são lembrados neste tempo de Festas.

Para crianças, então... Pode-se contar nos dedos da mão esquerda.

Estou exagerando, claro. A indústria editorial também vende muito nessa época, mas tenho a impressão de que a literatura infantil e juvenil não participa deste "movimento financeiro" com a mesma energia que exhibe durante o resto do ano. A começar pelas próprias livrarias que, quando dedicam um espaço para este segmento, o fazem tão timidamente, geralmente num cantinho das lojas, que parecem mais querer esconder do que mostrar as capas multicoloridas, tão displicentemente expõem os exemplares nas gôndolas e prateleiras.

Talvez porque o Natal esteja diretamente associado a férias escolares, e os livros infantis e juvenis de um jeito ou de outro lembrem um dever de ensino, os livros para a meninada sejam solenemente descartados como presente - o que é uma bobagem. Livros para crianças e adolescentes não devem ser tratados como obrigação escolar, mas um convite à aventura lúdica de viajar livremente através da capacidade de imaginar.

Por mais que sejam irrequietas e impacientes, uma hora ou outra as crianças e adolescentes têm de se render ao fato de que já é muito tarde para zoar (embora um pouco cedo para dormir, já que estão em férias e podem ficar na cama até mais tarde) ou que, embora não gostem e pisoteiem o chão de tanta raiva, de janeiro a março as águas caem do céu com muita força e fazendo muito estrago, quando então é preciso ficar dentro de casa - sem nada para fazer, porque televisão e videogame também enjoam, então um livro à mão sempre vai ser uma excelente alternativa para o tempo correr mais depressa, até o sono chegar ou voltar a fazer tempo bom para brincar e agitar.

Às milhares (milhões...?) de pessoas que aproveitam esta época para ser ainda mais voluntário do que já o é o resto do ano, sugiro que reflitam sobre a possibilidade de incluir alguns livros entre o monte de carrinhos, bolas e bonecas que levam a creches, orfanatos e favelas. Não precisa ser um exemplar para cada criança, mas o suficiente para que todas elas possam ler em meio às atividades do dia-a-dia, e até mesmo os disputem.

Olhinhos infantis brilham de fascinação diante de coloridos impressos.

Da mesma maneira, aos que pensam em crianças pacientes de hospitais ou velhinhos abandonados em asilos, saibam que os livros também funcionam como terapia para aqueles que precisam recuperar a saúde e ajudam a passar o tempo, às vezes emocionando a vida daqueles que já não têm mais muito tempo

de vida - aqui, vale lembrar que as editoras e livrarias sempre têm em estoque edições 'mais velhinhas' de títulos fabulosos e cativantes, que podem ser negociados a um bom preço, dependendo da quantidade pretendida.

Falo em presentear crianças com livros porque, até os nove ou dez anos, é muito fácil viciar para sempre a meninada em leitura. A inteligência está aberta e pronta para receber conhecimentos, a curiosidade natural por tudo faz-se importante aliada na formação do caráter e na obtenção de noções de cidadania. Mas adolescentes e adultos também podem "adquirir" o vício, basta um pouco de concentração e liberdade aos sonhos e à imaginação.

Pense nisso, um livro pode ser uma boa opção para presente de Natal - e com uma vantagem: livrarias raramente ficam lotadas, em qualquer época do ano.

Diorindo Lopes Júnior - jornalista e autor dos juvenis O Sol em Capricórnio (Atual Editora) e Cesta de 3 (Alis Editora), este indicado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) como "Leitura Altamente Recomendada", em 1999

(fonte: site do psicopedagogia online)